

Em terra Tremembé especulação imobiliária não cria raiz



“Nós somos índios, nós quer de volta a nossa terra pra morar / Os nossos antepassados morou nela e morreram, e deixou a geração/ Deus deixou a nossa terra para nós trabalhar nela, pra daqui tirar o sustento, para nós comer o pão...” Torém Tremembé

Todo nascer do sol é de luta e resistência na terra do povo Tremembé da Barra do Mundaú, em Itapipoca, no Ceará. Dos antepassados a força da herança nativa e dos encantados a energia da natureza para seguir protegendo a mãe terra. O preconceito e a falta de reconhecimento dos povos indígenas da região sempre foram uma constante durante muitos anos, no entanto, a partir do ano de 2002, a especulação imobiliária chegou na região com uma proposta arrasadora para os Tremembé da Barra do Mundaú. Um grupo empresarial espanhol pretendia construir um complexo turístico, chamado de Nova Atlântida, que iria contar com 27 hotéis e resorts, seis condomínios residenciais e três campos de golfe, tudo bem ali, em cima da terra Tremembé.

Em 2002, a terra ainda não havia sido declarada como indígena e assim, a luta do povo Tremembé da Barra do Mundaú se torna contra um inimigo maior. Uma parte da comunidade ficou dividida diante da promessa de empregos que vinha por parte do empreendimento, no entanto, a maior parte da comunidade se uniu sob a liderança de Adriana e Erbene Tremembé, para conquistar o que já era do povo por direito: a terra. A portaria declaratória assinada pelo então ministro Eduardo Cardozo veio, depois de muita luta, em agosto de 2015. A terra indígena passa, em 2016, pelo processo de demarcação física, mas ainda existe um longo caminho até a homologação.

ção da terra, ou seja, até que o processo pela demarcação seja completamente concluído.

E a resiliência do povo Tremembé da Barra do Mundaú se fortalece de muitas formas: através da educação na Escola Indígena Brolhos da Terra, dos rituais sagrados como o Torém, dos festejos culturais como a Festa do Murici e do Batiputá que acontece no começo de todo ano e conta com celebrações, apresentações culturais, colheita dos frutos do murici e do batiputá, e produção artesanal do óleo do batiputá que é utilizado tanto para cozinhar como na medicina tradicional.

Outra prática de resistência do povo Tremembé são as retomadas de espaços que eles tinham perdido em seu território. A prática da retomada tem sido utilizada desde o ano de 2014 quando uma parte da aldeia São José foi resgatada e transformou-se em um acampamento que persiste até hoje. A última ação de retomada foi feita em agosto de 2016 quando os indígenas ocuparam um sítio que estava sob domínio do empreendimento Nova Atlântida (resort espanhol) e de alguns não índios que ainda residem no território indígena.

“Antes da empresa chegar morava gente aqui, os nossos antepassados moraram aqui. E sempre foi o nosso acesso para ir para o Mundaú (rio), para Canãa, para atravessar a Barra. Quando eles chegaram, eles cercaram todo esse espaço aqui que nós estamos”, conta Erbene Rosa, liderança Tremembé. Nas retomadas são realizadas aulas, reuniões de projetos, atividades culturais, dentre outras atividades que fortaleçam a luta.

Cantos, rituais, ocupações, dias, noites, estudos e poemas são instrumentos diários para manter viva a luta pelo direito à terra dos povos originários no Brasil. Sob o sol e a lua do Ceará o povo Tremembé da Barra do Mundaú fincou raízes e permanecerá até que seu direito original seja plenamente reconhecido e respeitado.



Murici e óleo do batiputá



Dia 19 de abril na Escola Brolhos da Terra



Jovens no ritual do Torém



Representação das lideranças Erbene e Adriana



Momento de formação na retomada